

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE MEDICINA

ELLAN PEIXOTO PEREIRA

FELIPE MENDONÇA ROCHA BARROS

“A MORTE VIOLENTA PRESENTE NOS CENTROS URBANOS”, referente ao  
capítulo 53, do livro “TANATOLOGIA: DESMISTIFICANDO A MORTE E O  
MORRER”

MACEIÓ

2021

ELLAN PEIXOTO PEREIRA

FELIPE MENDONÇA ROCHA BARROS

“A MORTE VIOLENTA PRESENTE NOS CENTROS URBANOS”, referente ao capítulo 53, do livro “TANATOLOGIA: DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER”

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à coordenação do curso de  
Medicina da Universidade Federal de  
Alagoas

Orientador: Gerson Odilon Pereira

MACEIÓ

2021

# TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

———— Gerson Odilon Pereira ————



---

# TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A  
MORTE E O MORRER

## **TANATOLOGIA**

### **DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER**

GERSON ODILON PEREIRA

#### **Capa**

Ana Carolina Vidal Xavier

#### **Foto capa**

Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

#### **Fotolitos/Impressão/Acabamento**

Editora e Gráfica Santuário Aparecida

Fone: (12) 3104-2000

#### **Direitos Reservados**

Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

**sarvier**

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.  
Rua dos Chanés 320 – Indianópolis  
04087-031 – São Paulo – Brasil  
Telefone (11) 5093-6966  
sarvier@sarvier.com.br  
www.sarvier.com.br

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)** **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pereira, Gerson Odilon

Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /  
Gerson Odilon Pereira. -- São Paulo : SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase  
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos  
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –  
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos  
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937

19-30764

-612.67

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos

155.937

2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

## A Morte Violenta Presente nos Centros Urbanos

Ellan Peixoto Pereira  
Felipe Mendonça Rocha Barros  
Thallyta dos Santos

### INTRODUÇÃO

Neste capítulo, serão discutidos o morrer e a morte, tema central da Tanatologia, no contexto da violência presente nos centros urbanos do Brasil. De acordo com Croce, em seu Manual de Medicina Legal, a morte violenta deve ser entendida como a morte consequente de uma ação externa, mesmo que tardia, sobre o corpo humano. Como principais exemplos, temos o acidente, o suicídio e o homicídio (CROCE, 2012, p. 1123).

Nas grandes cidades brasileiras, os homicídios, junto com os acidentes de transporte e o suicídio, correspondem às principais causas de óbitos por causas externas. No Brasil, em 2016, as mortes por causas externas de morbidade e mortalidade corresponderam a 11,90% do total de óbitos. Desse modo, as mortes violentas ocupam a quarta posição entre as causas de morte, ficando atrás apenas das mortes por doenças cardiovasculares, neoplasias e por doenças do aparelho respiratório. Dentre as 155.861 mortes por causas externas ocorridas em 2016 no Brasil, os suicídios representam 7,34%, os óbitos decorrentes de acidente e transporte equivalem a 24,55% e os homicídios corresponderam a 39,23% das mortes violentas, o que significa 62.517 assassinatos (MINISTÉRIO DA SAÚDE/DATASUS, 2016).

### O CONTEXTO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

A violência nos centros urbanos do Brasil expressa nos indicadores epidemiológicos tem demonstrado uma amplitude e intensidade sem precedentes, sendo comparada até mesmo com países em situação de guerra. As taxas de morte em decorrência de causas violentas nos centros urbanos brasileiros estão entre as mais altas do continente americano, além disso têm apresentado uma tendência de crescimento que vem se acentuando ao longo dos anos (SANJURJO, 2015).

O estado de medo gerado pela violência apresenta um significativo impacto na saúde da população dos centros urbanos brasileiros, sendo essencial sua integração na agenda das ações de saúde. Estudos epidemiológicos indicam que vítimas de homicídio concentram-se nas peri-

ferias da área mais urbanizada, enquanto os acidentes de transporte concentram-se em áreas tanto comerciais quanto residenciais, já a distribuição dos suicídios apresenta-se de maneira mais homogênea. Nessa perspectiva, a aplicação das informações geográficas na área da saúde pode contribuir para prevenção das mortes violentas através da identificação de grupos vulneráveis e fatores sociais, ambientais e psicológicos envolvidos na gênese dessas mortes (AMADOR, 2018).

## O HOMICÍDIO

Deve-se dar enfoque ao homicídio, definido por Croce (2012, p. 1084) como “a morte voluntária ou involuntária de alguém realizada por outrem”, pois é o tipo de morte que mais contribui para o número de óbitos por causas externas. Assim, os índices de assassinatos retratam de forma genuína o estado de violência e de como isso é concentrado nas grandes cidades. Para exemplificar a maneira de como, historicamente, a violência é mais presente nos centros urbanos, em 1980, a taxa de homicídio por arma de fogo no Brasil correspondia a 5,1 homicídios a cada 100 mil habitantes, neste mesmo ano, considerando apenas as capitais brasileiras, a taxa era de 21,3 homicídios por 100 mil habitantes. Esses dados revelam a incrível diferença de 318,3% entre a média nacional e a média nas capitais. Em relação a dados mais recentes, em 2014, a média brasileira foi de 21,2 homicídios por arma de fogo a cada 100 mil habitantes, enquanto, nas capitais, foi de 30,3 homicídios por arma de fogo a cada 100 mil habitantes, revelando uma diferença de 42,8% entre as taxas, o que permanece sendo um número considerável. Um fato que pode ter contribuído para a redução da diferença entre a média brasileira e a das capitais nesse indicador de violência é a migração da população para a zona urbana durante o período, fazendo com que as taxas das capitais contribuíssem em maior parte para a média brasileira. Contudo, nota-se que os índices de violência aumentaram ao longo dos anos e a discrepância entre as capitais e a média nacional continua alta (WAISELFISZ, 2016).

Além disso, sabe-se que a agressão por meio de disparo de arma de fogo ou de outra arma não especificada (código X95 da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde) foi a sexta causa de morte no país em 2016. Dessa forma, é possível entender em quais circunstâncias está enquadrada a população urbana e como o homicídio por arma de fogo representa, predominantemente, o medo que assola todo cidadão incorporado no contexto social urbano (MINISTÉRIO DA SAÚDE/DATASUS, 2016).

## A MORTE VIOLENTA E SUA DISTRIBUIÇÃO DESIGUAL

No que diz respeito à violência urbana, a soma dos condicionantes históricos, sociais e ambientais apresentam expressões diversas de acordo com o meio. Deve-se considerar o contexto, motivações e conflitos que levam a atos violentos, sendo que, se por um lado a violência não pode ser entendida apenas por meio das atitudes individuais, por outro, viver, por exemplo, sob condições socioeconômicas desfavoráveis, por si só, não determina comportamentos violentos (AMADOR, 2018).

Dessa maneira, sabe-se que a violência afeta a população brasileira de uma forma desigual, concebendo riscos diferenciados em função da idade, raça, gênero e espaço social. Além disso, o número de mortes violentas apenas reflete uma parte do problema cuja magnitude dos eventos não letais é muito maior e normalmente negligenciada. Deve-se ressaltar que, no Brasil, as mortes por causas externas apresentam uma distribuição com aspectos específicos e singulares, aspectos estes que necessitam de melhor compreensão para que sejam enfrentados adequadamente (SANJURJO, 2015).

Em uma sociedade com altas taxas de mortes decorrentes de causas violentas, os indivíduos passam a viver com a sensação de medo, e este, por sua vez, leva esses mesmos indivíduos a descreditarem nas instituições do Estado responsáveis pela segurança e passam a aderir, por si próprios, a medidas profiláticas contra os atos violentos. Essas medidas incluem o abandono de espaços públicos, o isolamento em condomínios e ainda a aquisição de armas de fogo. Dessa forma, deve-se perceber que os crimes que majoritariamente causam insegurança e medo na população devem obter destaque no momento da concretização de planejamentos estratégicos de forma que se fortaleça a credibilidade da população no Estado e as ações voltadas à segurança pública tornem-se de fato mais eficazes (IPEA, 2018).

## CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, é importante dar destaque às políticas públicas voltadas à segurança pública, à educação e à reinserção social, visando à redução das taxas de morte violenta. Para que as políticas públicas sejam de fato efetivas, é necessário que haja comprometimento do principal político envolvido, mobilização e articulação de todas as forças e atores sociais na busca pela paz, organização da gestão da segurança pública com base no método científico e nas evidências empíricas, controle e retirada das armas de fogo e munições de circulação, disseminação de espaços de mediação de conflitos. Também é preciso mudança no modelo de polícia, de forma que passe de uma abordagem meramente reativa para um modelo onde haja maior emprego da inteligência em lugar da repressão, com o objetivo de que a própria segurança pública administrada pelo Estado não contribua para o aumento dos índices de violência. Ademais, a reforma do sistema penitenciário é indispensável, já que a cadeia não é uma forma eficaz de punição no Brasil, pois as recidivas criminais são prevalentes e, praticamente, não há políticas de ressocialização. Por fim, faz-se importante a estruturação de uma política de prevenção social mais focada em crianças e jovens de territórios mais conflagrados, para que estes possam se desenvolver de forma sadia e com acesso à educação de qualidade e a oportunidades no mercado de trabalho (IPEA, 2018).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMADOR, A. E.; MARQUES, M. V.; SOUZA, M. R.; SOUZA, D. L. B.; BARBOSA, I. R. **Mortalidade de jovens por violência no Brasil: desigualdade espacial e socioeconômica**. Fortaleza: Revista Brasileira em Promoção da Saúde, 2018.
2. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde (DATASUS/MS), 2016. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=02>>. Acesso em: 16 fev. 2019.
3. CROCE, D.; JÚNIOR, D. C. **Manual de medicina legal**. 8ª edição. Editora Saraiva, 2012.
4. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro: 2018.
5. SANJURJO, L.; FELTRAN, G. **Sobre lutos e lutas: violência de Estado, humanidade e morte em dois contextos etnográficos**. São Paulo: Ciência e Cultura, 2015.
6. WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2016: homicídios por arma de fogo no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2016.